

Formação urbana e habitação

BIBLIOTECA DA ESCOLA DE ARQUITETURA DA U. F. M. G.

O fenômeno da formação de aglomerados subnormais de moradias, crescente em quase todas as cidades brasileiras de maior porte, não foi, até hoje, estudado com a profundidade merecida. Muito se tem escrito, é verdade, sobre favelas, invasões, malocas, mocambos, mas a verdade é que grande parte do material até aqui publicado provém de uma ótica impressionista, que não desce a detalhes, não relaciona, não procura causas, não cria.

Não constitui qualquer novidade dizer que, em matéria de habitação e de planejamento territorial, agimos na base da intuição, ou seguimos a inércia dos processos em curso. A pesquisa, — mesmo a não-sistemática, a que se faz de vez em quando, isoladamente e que de ordinário ignora tudo que já foi feito antes — não é nosso forte. Somos apologistas do realizar — o que não deixa de ser uma característica positiva, entre tantas negativas. Mas, para realizarmos bem, torna-se necessário um mínimo de conhecimento daquilo sobre o que atuamos ou pretendemos atuar. Durante o processo de realização é preciso dedicar um mínimo de tempo em organizar, catalogar e sistematizar dados e elementos envolvidos por nossa ação, de forma não só a possibilitar a obtenção de resultados satisfatórios, com sua futura avaliação. Avaliar resultados é ato de rotina, corrente instrumento de trabalho, indispensável àqueles que realizam e principalmente aos que realizam muito. Não é possível dar qualquer coerência e integração a uma ação que visa o planejamento a partir do desconhecimento e de um saber insuficiente da realidade sobre a qual se vai atuar. Esse conhecimento, todavia, só se torna possível a partir do estudo e da pesquisa dessa mesma realidade. No Brasil, já se disse, por uma dessas deformações tão comuns em nossa cultura, que a pesquisa tem por imagem o tubo de ensaio. Tudo aquilo que não conotar com laboratório, pipeta, retorta ou tubo de ensaio, não tem caráter científico, nem poderá se relacionar com estudo, pesquisa ou procedimento científico.

Um dos aspectos primordiais a ser encarado por uma política habitacional de âmbito nacional é o dos grupamentos subnormais de moradia. O problema da constituição de aglomerados dessa natureza no interior do tecido urbano

das cidades brasileiras ou em sua periferia, de certo tempo para cá, vem sendo a forma normal de crescimento urbano, chegando, em alguns casos, a representar elevada percentagem dos locais de habitação da população urbana.

A formação desses grupamentos favelados é a resultante natural da ação migratória do homem que deixa o campo pela cidade. Não possuindo meios de se adaptar ao quadro urbano institucionalizado, ele cria um outro, de nível muito mais baixo, à sua imagem e à altura de suas possibilidades, com o qual procura responder às necessidades de um habitat urbano. Esse migrante repete, assim, à sua maneira, a milenar aventura da formação e da criação urbana.

Com efeito, nesse processo de intensa e peculiar urbanização, não é possível deixar de perceber — como assinalou o arquiteto John Turner — uma extrema semelhança com a maneira natural de nascer e crescer das cidades, se bem que de forma historicamente anômalas. Essa simples constatação — que necessita obviamente de estudos e pesquisas mais aprofundados, — aliada a intensa frequência do fenômeno e a alta e crescente percentagem de habitantes urbanos envolvidos nesta situação, leva-nos a tomar como preceito de que no trato com os problemas decorrentes desse fenômeno devemos agir mais como o parteiro que acompanha, assiste e ajuda o nascimento de um novo ser do que como cirurgião que, tomando o fato como um tumor, crê ser preciso extirpá-lo a todo custo.

O sistema oficial brasileiro de habitação teve recentemente sua estrutura reforçada por dois organismos de vital importância — o novo SERFHAU e o CENPHA.

Os arquitetos devem voltar sua atenção para esses organismos, pois a natureza de suas atribuições nos leva a esperar a ação pautada no conceito de que habitação e planejamento do meio ambiente humano constituem matéria científica, mesmo quando se lida com coisas que não admitem mensuração física. Nós arquitetos precisamos nos capacitar dessa verdade e exigir tratamento adequado e conveniente para os problemas decorrentes da necessidade de abrigar o homem e proporcionar-lhe um ambiente condigno e saudável. □

Editorial